



Resenha de “Educação Bilíngue: como fazer?” de Antonieta Megale

Pedro Américo Rodrigues Santana¹

 0000-0003-3350-104X

Ana Paula Luiz dos Santos Aires²

 0000-0003-0290-4487

MEGALE, Antonieta (org.). **Educação Bilíngue: como fazer?** v. 3. São Paulo: Fundação Santillana, 2021. p. 144. ISBN 978-85-63489-53-1.

Biografia

Antonieta Megale é professora no curso de Pós-Graduação do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e no curso de pós-graduação em Educação Bilíngue no Instituto Singularidades, onde também atua como coordenadora do programa. Megale é mestre em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Na última década, tem centrado suas pesquisas em “perspectivas decoloniais de línguas, culturas e processos educativos em contextos multilíngues e inter/multiculturais”.³

Resenha

Publicado em um momento no qual a discussão sobre a educação bilíngue tem ganhado espaço na área da linguística aplicada – sobretudo, devido ao interesse mercadológico e seu reflexo em políticas públicas (BRASIL, 2020) –, “Educação Bilíngue: como fazer” é o terceiro volume sobre a temática organizado por Antonieta Megale. Com a intenção de situar a discussão acerca da educação bilíngue no contexto brasileiro, a

¹ Doutorando em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina, sendo bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *E-mail*: psantana@uel.br

² Mestranda em Letras Estrangeiras Modernas na Universidade Estadual de Londrina. *E-mail*: anapaula.aires@uel.br

³ Informações extraídas da plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5892998623083426>. Acesso em 17 jun. 22

obra focaliza as práticas de sala de aula em um viés teórico-prático. Nesse cenário, os capítulos visam aproximar, de forma ilustrativa, os aspectos históricos e os desafios discutidos nos dois volumes anteriores (MEGALE, 2019, 2020), respectivamente. Sendo assim, a obra é organizada em oito capítulos, assinados por autores brasileiros, que abordam questões situadas às práticas de sala de aula, relacionando oralidade, leitura, práticas imersivas e aspectos culturais – fundamentados teoricamente nas contribuições mais recentes para este campo de estudo.

No primeiro capítulo, “*Como implementar a multiculturalidade*”, Antonieta Megale e Fernanda Liberali problematizam a ideia de que a educação em duas línguas promove automaticamente um aprendizado multicultural, defendendo que uma formação cultural seja planejada de forma intencional e integrada aos demais componentes curriculares. As autoras criticam uma visão reducionista de cultura na escola, que por muitas vezes é limitada à exposição de festivais e pratos típicos de culturas hegemônicas. Megale e Liberali, então, partem de uma concepção de cultura centrada em práticas sociais ressignificáveis e construídas ao longo do tempo. Neste cerne, a escola é concebida como um espaço de produção cultural e interação, situado socio-historicamente. Em um viés crítico, a interculturalidade na escola funda-se no questionamento de desigualdades “socioculturais, étnico-raciais, de gênero e de orientação sexual” (MEGALE; LIBERALI, 2021, p. 19). Portanto, as autoras defendem uma elaboração de currículos que valorizem os diversos patrimônios vivenciais no ambiente escolar.

De modo a enfrentar este desafio, as autoras propõem um trabalho ancorado na pedagogia de Multiletramentos (THE NEW LONDON GROUP, 1996) e no eixo da interculturalidade da BNCC (BRASIL, 2018). Megale e Liberali elencam atividades sociais pertinentes aos diferentes campos/esferas de atuação, considerando as realidades vividas por estudantes do ensino básico e os aspectos multiculturais em relação às práticas sociais abordadas. Em seguida, apresentam sugestões práticas para a sala de aula, de modo a abordar os aspectos culturais e o papel da língua na construção e transformação de tais conhecimentos.

No segundo capítulo, “*Como promover oralidade em aula de L2 na Educação Bilíngue*”, Marcello Marcelino e Janaina Weissheimer destacam o papel da oralidade na sala de aula da educação bilíngue, traçando um histórico de práticas e crenças para o desenvolvimento da habilidade oral e auditiva no ensino de línguas. Ancorados em um referencial gerativista de aquisição de língua (CHOMSKY, 1986), os pesquisadores argumentam que o principal desafio na educação bilíngue é criar um ambiente imersivo,

que fomente a aprendizagem de língua de modo espontâneo, aliado a atividades que promovam a interação e entendimento de mundo. Marcelino e Weissheimer também abordam questões cognitivas e biológicas em relação à aquisição de língua, destacando os processos cognitivos de compreensão oral, bem como as dimensões da criação de significados e o *feedback* dos interlocutores.

Nesta perspectiva, os autores elencam princípios para a elaboração de tarefas que podem nortear o desenvolvimento de habilidades orais na sala de aula bilíngue – dentre elas, a oferta de *input* e a criação da necessidade do uso da segunda língua, testagem de hipóteses e preparação. Os pesquisadores discorrem sobre tais aspectos de forma prática, em diálogo explícito e claro com as bases teóricas apresentadas. Em suma, os autores ilustram de que modos a compreensão da complexidade da linguagem oral em seus fatores linguísticos, biológicos e cognitivos podem nortear práticas pedagógicas no ensino de línguas adicionais, considerando as particularidades da educação bilíngue.

No terceiro capítulo, “*Linguagem em diferentes áreas do conhecimento na Educação Bilíngue*”, Maria Cristina Meaney versa sobre a integração e a dissociabilidade de conteúdos disciplinares com a aprendizagem de língua(s). A autora aponta que, em muitos contextos, o conteúdo disciplinar é trabalhado de maneira superficial e condicionada a padrões de proficiência linguísticos dos alunos – sendo este priorizado e tido como o pilar norteador de práticas pedagógicas. Ademais, a pesquisadora critica uma concepção de que conteúdos são construtos estáticos desprovidos de historicidade e valor culturalmente atribuídos a serem assimilados acriticamente por aprendizes.

Deste modo, em consonância com o primeiro capítulo da obra, a autora traça apontamentos pautados na visão de língua como *design* (KRESS, 2010; THE NEW LONDON GROUP, 1996) e na concepção Bakhtiniana de gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003), de modo a elucidar tal integração em diferentes áreas de conhecimento. À vista disso, Meaney ilustra seu argumento com propostas pautadas em práticas sociais que integrem conhecimentos disciplinares às práticas de linguagem para as áreas de ciências humanas, ciências exatas e ciências da natureza. Em suma, a autora preconiza a elaboração de currículos situados em atividades sociais em todas as áreas de conhecimento e em quaisquer línguas/linguagens.

No quarto capítulo, “*Performance construindo o vir a ser: o sarau escolar como palco de desenvolvimento*”, Airton Pretini apresenta o conceito de performance (HOLZMAN, 1997) como uma abordagem de ensino-aprendizagem fundamentada no

Entretextos, Londrina, v. 22, n. 2, p. 149-155, 2022.



[Licença CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

construto Vygotskiano de “brincar” (VYGOTSKY, 2007). O autor justifica a performance como um recurso pedagógico, pois propicia a inserção e negociação de/em novas realidades, fomentando o entendimento do papel do educando no mundo. Na educação bilíngue, o pesquisador caracteriza a *performance* como uma possibilidade para expansão de repertórios linguísticos e interculturais, bem como discute o papel do teatro como um catalisador de aprendizagens.

Baseando-se nesses entendimentos, Pretini apresenta propostas de organização de um sarau escolar, sugerindo maneiras de abarcar diversas disciplinas (como a literatura, música, biologia) para o desenvolvimento de repertórios linguísticos. Em seguida, o autor narra os percursos da organização de um sarau, demonstrando práticas de ensino dialógicas para a construção de uma peça teatral. Por fim, o autor reitera o papel dessa atividade na construção de novos patrimônios vivenciais e repertórios culturais.

No quinto capítulo, “*A leitura literária em contextos Bi/multilíngues*”, Vivian Maria Marcondes explora os paradigmas que envolvem a leitura de textos literários em âmbito escolar. O primeiro (e tradicional) paradigma trata-se de um modelo monológico de leitura, em que o texto é empregado como pretexto para o ensino de elementos léxico-gramaticais e/ou em que a interação entre leitor-obra é limitada à decodificação e interpretação passiva do texto literário. Sob um viés dialógico, no segundo paradigma, a interação com a obra é possibilitada a fim de que alunos possam criar (novos) sentidos para o texto literário, bem como “a oportunidade de constituírem-se leitores competentes, críticos, divergentes, conscientes.” (MARCONDES, 2021, p. 83). A autora aponta a necessidade de uma intencionalidade pedagógica para a mudança de tais paradigmas.

Nesse sentido, ancorada nos conceitos explorados por Bakhtin (2011) acerca do dialogismo e da responsividade, bem como na concepção de literatura de Candido (2017), a pesquisadora sugere que a leitura de textos literários em contextos bi/multilíngues pode fomentar uma aprendizagem ativa, em que o aluno-leitor pode comunicar-se por meio de uma ou mais línguas nomeadas de forma autêntica e exemplifica com propostas didáticas. Embora haja um enfoque no contexto bi/multilíngue, sua pesquisa versa e confirma uma necessidade de ressignificação dos textos literários em ambientes de ensino para que os benefícios extrapolem os muros escolares.

No sexto capítulo, “*A consciência fonológica em línguas materna*”, Aline Lorandi aborda o conceito de consciência linguística sob um viés desenvolvimental (KARMILOFF-SMITH, 1992; LORANDI; KARMILOFF-SMITH, 2012) e a relação entre

alfabetização e a consciência linguística e fonológica em duas línguas, que ocorre de modo gradativo e podem ser estimuladas simultaneamente.

Considerando a noção de repertório de Busch (2012, 2015), a autora sugere cinco atividades para o estímulo do desenvolvimento da consciência fonológica em línguas maternas e adicionais de forma lúdica. Nas propostas mencionadas, a pesquisadora parte do princípio de que as crianças são incentivadas à mobilização do repertório bilíngue de modo autônomo, bem como desenvolvem habilidades de leitura e escrita ao brincar.

O sétimo capítulo aborda “*A aprendizagem híbrida na Educação Bilingue*”. Para tanto, Renata Condi de Souza distingue o ensino híbrido e o ensino remoto (emergencial), explorando suas particularidades. Afunilando o escopo de seu trabalho, a autora traz reflexões sobre as aplicações práticas do ensino híbrido no contexto bilíngue e discute seus potenciais.

A pesquisadora destaca elementos que merecem atenção no planejamento e execução de abordagens híbridas, principalmente no que se refere à integração de conteúdo disciplinar e aos aspectos linguísticos. Por fim, Souza pontua o desafio na adaptação de propostas didáticas no contexto citado, que levem em conta uma aprendizagem ativa, colaborativa e interativa.

No oitavo e último capítulo, “*Língua/Linguagem e conteúdo no centro da avaliação*”, Maria Teresa de la Torre Aranda discute a avaliação formativa na Educação Bilingue, partindo dos princípios de Mahoney (2017) como norteadores do processo decisório. Em seguida, discorre sobre práticas translíngues (GARCÍA; WEI, 2015 *apud* ARANDA, 2019) como promotoras de integração de alunos de diversos estágios de conhecimento da língua e de aprendizagem significativa.

Partindo dos pressupostos discutidos, a pesquisadora apresenta um exemplo de avaliação elaborada para a disciplina de ciências e inglês em uma escola bilíngue. Ademais, Aranda aponta o uso de portfólios como instrumentos para uma avaliação formativa, fomentando uma aprendizagem participativa e significativa. A autora argumenta que a aprendizagem deve ser avaliada de modo contínuo e que propostas avaliativas sejam diversificadas e embasadas em escolhas conscientes e criteriosas para que o conhecimento dos aprendizes seja valorizado.

Em suma, os capítulos convergem na concepção de escola como um espaço cultural cujo objetivo é promover a construção colaborativa de conhecimento, tal qual a

formação de sujeitos bilíngues - considerando a complexidade cultural e linguística de suas formações. Os autores apresentam a fundamentação teórica de maneira clara, objetiva e didática, cumprindo o objetivo de aproximar as contribuições teóricas às práticas de sala de aula.

O livro é recomendado a professores atuantes em contextos bilíngues; contudo, traz práticas pedagógicas que também se fazem válidas nos demais contextos de ensino de línguas de nascimento e adicionais. Para pesquisadores, os capítulos trazem um arcabouço teórico sólido, possibilitando consultar as referências utilizadas para um aprofundamento teórico. Ainda, a obra pode ser um referencial de apoio para a construção e implementação de currículos bilíngues. Além disso, por conta da evidente concepção de aprendizagem que perpassa os capítulos, consideramos que a obra possa ser utilizada em cursos de formação inicial e continuada de professores, independentemente das disciplinas que atuam ou da língua de instrução, de modo a enfatizar o papel da interação na construção de sentidos de modo interdisciplinar e translingue.

Referências

ARANDA, M. T. T. Avaliação formativa em contextos de Educação Bilíngue: diálogos possíveis. In: MEGALE, A. (org.). *Educação Bilíngue no Brasil*. São Paulo: Fundação Santillana, 2019. p. 119-133.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. educação é a base: Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parecer CNE/CEB nº: 2/2020/DF*. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 9 de jul. 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=156861-pceb002-20&Itemid=30192. Acesso em: 27 out. 2022.

BUSCH, B. *Linguistic repertoire and Spracherleben, the lived experience of language*. Vienna: University of Vienna, 2015. [Working Papers in Urban Language & Literacies]. Disponível em: http://heteroglossia.net/fileadmin/user_upload/publication/WP148_Busch_2015_Linguistic_repertoire_and_Spracherleben-libre.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

BUSCH, B. The linguistic repertoire revisited. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 33, n. 5, p. 503-523, 2012.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origins, and use*. New York: Praeger, 1986.

HOLZMAN, L. *Schools for growth: radical alternatives to current educational models*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1997.

KARMILOFF-SMITH, A. *Beyond modularity: a developmental perspective on cognitive science*. Cambridge: MIT Press, 1992.

KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. London: Taylor & Francis, 2010.

LORANDI, A.; KARMILOFF-SMITH, A. From sensitivity to awareness: the morphological knowledge and the Representational Redescription model. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 6-16, 2012.

MAHONEY, K. *The assessment of emergent bilinguals*. Bristol: Multilingual Matters, 2017.

MARCONDES, V. M. A leitura literária em contextos bi/multilíngues. In: MEGALE, A. (org.). *Educação Bilingue: como fazer?*. São Paulo: Fundação Santillana, 2021. v. 3.

MEGALE, A. (org.). *Educação Bilingue: como fazer?* São Paulo: Fundação Santillana, 2021. v. 3.

MEGALE, A. (org.). *Educação Bilingue no Brasil*. São Paulo: Fundação Santillana, 2019. v. 1.

MEGALE, A. (org.). *Desafios e práticas na Educação Bilingue*. São Paulo: Fundação Santillana, 2020. v. 2.

MEGALE, A.; LIBERALI, F. Como implementar a multiculturalidade. In: MEGALE, A. (org.). *Educação Bilingue: como fazer?*. São Paulo: Fundação Santillana, 2021. v. 3.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. *Harvard Educational Review*, Cambridge, v. 66, n. 1, p. 60-92, 1996. Disponível em: http://newarcproject.pbworks.com/f/Pedagogy+of+Multiliteracies_New+London+Group.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em: 19 jun. 2022.
Aprovado em: 14 jul. 2022.

